

7. Considerações Finais

A partir do momento em que a *redação*, nos concursos vestibulares, tornou-se obrigatória, várias exigências em torno da realização deste texto têm sido propostas, causando preocupações para os candidatos. Estas exigências incluem a abordagem adequada do tema, as escolhas dos tipos textuais, a estruturação adequada das idéias a partir da adoção de argumentos, a marcação ou não da subjetividade, a explicitação ou não do contexto extra-texto, bem como a manutenção de um fio discursivo, em cujas bases toda a configuração do texto se realizará, e, além disso, o uso da norma padrão.

Esta pesquisa, através do estudo de um *corpus* de 135 redações, produzidas em três instituições diferentes, mostrou que o gênero *redação do vestibular* possui pontos de confluência e pontos de afastamento em relação ao discurso acadêmico. Os pontos de afastamento incluem a escolha de seqüências tipológicas que não contribuem para a configuração do texto enquanto um construto que indica habilidade no tratamento da tese; o uso de argumentos dicotômicos e afetivos em detrimento de argumentos racionais e lógicos; a explicitação do contexto; a predominância de *processos* em detrimento de *nominalizações*, as quais habitualmente caracterizam textos escritos formais. Os pontos de confluência com o discurso acadêmico identificados nos dados foram, dentre outros, a não marcação da subjetividade e, em alguns casos, argumentos de cunho racional, ou seja, argumentos que denotem visões sobre os fatos fundamentadas em acontecimentos reais, fatídicos, prováveis.

Uma vez que há predominância dos pontos de divergência sobre os pontos de confluência, neste trabalho, optamos por caracterizar a *redação do vestibular* como um gênero que ainda não se enquadra de forma efetiva no discurso acadêmico, embora também não esteja totalmente afastado deste, devido à existência concomitante de pontos de confluência.

A tentativa do candidato de se aproximar do modelo esperado pela banca, uma vez que este quer obter aprovação em concurso do vestibular, faz com que ele opte entre possibilidades de escolhas desde as formas de constituição de textos escritos em geral até os critérios de estruturação de um texto acadêmico, previamente concebido no contrato social e compatível com as expectativas da banca.

Dessa forma, podemos dizer que a *redação do vestibular* é um gênero, porque possui um movimento de configuração textual recorrente, que reflete um contexto, uma realidade social, que é, antes de tudo, cultural. Há também o fato de que este gênero é um dos meios de comunicação de uma comunidade discursiva particular (Swales, 1990), cujos participantes assumem papéis bem definidos, que giram em torno dos propósitos comunicativos do gênero, que são principalmente obter aprovação no concurso do vestibular, por parte do candidato, e selecionar graduandos, por parte da banca.

Atualmente, pesquisas que explorem a linguagem em sua situação de uso, ou seja, que tratem da linguagem em sua materialidade sócio-histórica, em sua aplicabilidade no sistema social, têm grande aceitação no panorama de estudos lingüísticos voltados para o estudo do discurso no contexto pedagógico. Dessa forma, esperamos que os resultados dessa pesquisa possam retornar aos ambientes de ensino, objetivando reflexões sobre a prática pedagógica, uma vez que, nessa pesquisa, o gênero *redação do vestibular* foi abordado não somente no tocante à sua configuração textual, mas também como um processo social, inerente ao contexto pedagógico brasileiro.

Além disso, cabe ressaltar como este gênero reflete a realidade social. A questão de maior pertinência é o fato de que as convenções formais da sua materialização ocorrem devido à sua relação com o social. O cumprimento a um tema, a seleção de argumentos que o sustentem, a escolha de tipos textuais mais aceitáveis pertinentes ou recorrentes, a seleção lexical, incluindo aspectos de explicitação do contexto, bem como de marcação ou não da subjetividade, seriam nada mais nada menos do que a adequação ao que o candidato imagina ou espera que seja mais apropriado, visando atingir o objetivo social do referido gênero, ou seja, ser um instrumento de avaliação da capacidade de produção de textos de base puramente argumentativa.

Cabe ainda destacar que, a partir do momento em que se entende por gênero “formas textuais típicas de cada atividade social” (Bazerman, 2005, p.09), abre-se espaço para se pensar na questão de que todos os gêneros, e, portanto, a *redação do vestibular*, seriam “parte de processos de atividades sociais socialmente organizados” (idem, p.11).

Dentro dessa perspectiva, percebemos uma necessidade futura de descrever modelos didáticos de ensino de textos escritos e, acima de tudo, de discutir a aplicabilidade dos mesmos, com o intuito de verificar se esses modelos

foram utilizados no nosso *corpus* de análise, ou seja, se os candidatos os usaram e se as bancas os aceitaram enquanto legítimos e apropriados, atribuindo, assim, notas satisfatórias.

Segundo Bazerman (2005, p.10), “os gêneros são formas típicas de usos discursivos da língua desmembradas de formas anteriores, pois os gêneros nunca surgem num grau zero, mas num veio histórico, cultural e interativo dentro de instituições e atividades preexistentes”. Por isso, a discussão não só das origens históricas do gênero *redação do vestibular*, mas também a sua descrição lingüística e definição de seu processo atual de modificação, torna-se relevante para os Estudos da Linguagem, especialmente para os estudos de gênero, inseridos nesta área de pesquisa. Uma vez que se admite que este gênero é, assim como qualquer outro, um gênero que possui uma origem sócio-interativa, não sendo algo estático, cristalizado, amalgamado a um período histórico, espera-se que outros estudos, no futuro, venham também a enfocá-lo, sob novas perspectivas, de forma a conhecermos mais ampla e profundamente os aspectos lingüísticos, sociais e pedagógicos a ele vinculados.